



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS DOS MALÊS
BACHARELADO EM HUMANIDADES**

YOHANA CRISTINA DOS SANTOS ROSA

**EBÓ EPISTEMOLÓGICO:
GERMINAÇÕES EDUCACIONAIS À LUZ DO MULHERISMO AFRICANO**

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2019

YOHANA CRISTINA DOS SANTOS ROSA

**EBÓ EPISTEMOLÓGICO:
GERMINAÇÕES EDUCACIONAIS À LUZ DO MULHERISMO AFRICANO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Bacharelado em Humanidades na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como requisito parcial para a obtenção do Título de Bacharela em Humanidades, sob orientação da Prof^ª. Dr^ª Eliane Costa Santos.

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2019

YOHANA CRISTINA DOS SANTOS ROSA

**EBÓ EPISTEMOLÓGICO:
GERMINAÇÕES EDUCACIONAIS À LUZ DO MULHERISMO AFRICANO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Bacharelado em Humanidades na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como requisito parcial para a obtenção do Título de Bacharela em Humanidades.

Aprovada em: 27/08/2019.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Eliane Costa Santos (Orientadora)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Prof. Dr. Marlon Marcos Vieira Passos (Examinador)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Prof.^a Dr.^a Rutte Tavares Andrade (Examinadora)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	5
2	JUSTIFICATIVA	8
3	METODOLOGIA	10
4	PROBLEMA DE PESQUISA	11
5	OBJETIVOS DE PESQUISA	11
5.1	OBJETIVOS GERAIS	11
5.2	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	12
6	REVISÃO TEÓRICA	12
7	CRONOGRAMA	16
	REFERÊNCIAS	17

1 INTRODUÇÃO

Àwa Nà Wúre Eledá Wa
 Àwa Nà Wúre Eledá Wa
 Mo Adúpe Wúre Ati Odúnmódún
 Mo Adúpe Wúre Ati Ósú Mòsu
 Mo Adúpe Wúre Iba Gbogbo
 Àwá Nà Wúre Eledá Wa
ADURA ELEDÁ

Se o útero que nos gera é único, nos fragmentar nos torna órfãos da nossa própria essência histórica.
Katiuscia Ribeiro

Dos saberes que são passados dentro da cosmogonia dos terreiros de candomblés no Brasil, é ensinado que se deve pedir *Motumbá*¹ as mais velhas e entre nossos iguais, sendo uma forma de demonstrar respeito ao indivíduo e às ancestralidades que carrega. Dessa forma, peço Motumbá as minhas ancestrais, as minhas mais velhas e as minhas iguais, solicitando *Agô*² para escrever as concepções que me atravessam.

O presente projeto tem por intuito apontar alternativas educacionais de terreiros que se entrelaçam aos processos as construções de identidades afrobrasileiras, que nutrem processos de auto-cura e florescem a centralidade africana. Deste modo, fundamentar a proposta em espaços sagrados, mas especificamente em terreiros de candomblés, ou espaços *egbé*, como traduz Deoscóredes dos Santos e Juana Elbein em *A cultura nagô no Brasil (1993)*:

Na diáspora, o espaço geográfico da África genitora e seus conteúdos materiais e espirituais foram restituídas e organizadas associações, ou *egbé*, as comunidades-terreiro. [...] Os “terreiros” ou *egbé* foram, e continuam sendo, centros organizadores da fixação, elaboração e transmissão cultural, núcleos e pólos de irradiação de um todo sistema simbólico. (SANTOS; SANTOS, 1993, p. 42)

Sendo os espaços *egbé* territórios de transmissões culturais africanas e afrobrasileiras, a análise será transmitida pelo Mulherismo Africana³, conceito que floresce a centralidade do eu-coletivo e agência das comunidades africanas (continental e diaspórica), que visa desta forma a emancipação das mazelas branco-coloniais que continuam a assolar as comunidades e práticas pretas. Em vista disso, fortalece as estruturas para as continuidades das irmandades⁴

¹ Motumbá em iorubá significa *benção*.

² Agô em iorubá significa *licença*.

³ Conceito floreado pela Prof^ª Dr^ª Clenora Hudson-Weems em seu livro intitulado “Africana Womanism: Reclaiming Ourselves”, 1994, que salienta a palavra Africana enquanto especificidade étnica, cultural e central.

⁴ Pensamento apresentado pela Prof^ª Dr^ª Ângela Figueiredo, no VII Congresso Baiano de Pesquisadorxs Negrxs, no grupo de trabalho gênero e relações-étnicos raciais. Podendo ser uma possibilidade de perspectiva de comunidade preta constituída no Brasil

afrobrasileiras, no sentido de coletividade, manutenção histórica e reconstruções identitárias, como deslinda Edmar Santos:

As irmandades ofereciam aos membros espaços de comunhão e identidade, ajuda na hora das aflições, apoio para a conquista da alforria e para o protesto contra os excessos senhoriais, além do auxílio aos irmão quanto ao direito a funerais dignos, que encobriam concepções religiosas sobre a morte. (SANTOS, 2012, p.42)

Isto posto, acentua a necessidade de apontar as ressignificações e os símbolos das palavras, destacar a irmandade enquanto organização e conceito próspero para o seguimento das comunidades pretas existentes em terras brasileiras, incorporando perspectivas que ressignificam a com-idade preta em estado de subalternidade.

Durante uma fase da vida, os caminhos de terra me acompanharam até o terreiro Ilê Alaketu Asé Jagun Leg'Yán, localizado na cidade de Piraquara, no estado do Paraná - nestes caminhos, desperta memórias e sensibilidades que não estavam conectadas. Sendo um espaço de organizacional e que rega as ancestralidades africanas, irão transpor expressões da memória-corporal que ativam as percepções para além do observar, estimulando as cosmo-sensações, conceito gestado pela socióloga nigeriana Oyèrónké Oyèwùmí:

O termo "cosmovisão", que é usado no Ocidente para resumir a lógica cultural de uma sociedade, captura o ocidental privilégio do visual. É eurocêntrico para usá-lo para descrever culturas isso pode privilegiar outros sentidos. O termo "Cosmosensação" é mais um modo inclusivo de descrever a concepção do mundo por diferentes grupos. Neste estudo, portanto, "cosmovisão" só será aplicada para descrever o sentido cultural ocidental, e "Cosmosensação" será usado ao descrever os iorubas ou outras culturas que podem privilegiar os sentidos além do visual ou mesmo de uma combinação de sentidos. (OYÈWUMÍ, 1997, p. 2,3)⁵

Por conseguinte, pontuar ensinamentos de rumbê, educação de terreiro que obtêm como princípio básico a hierarquia, o respeito ao sagrado, cooperação mútua e a comunhão com a natureza, compondo sujeitas e coletividades que irão somar na sociedade da porteira para fora, incentivando respeito a senioridade, ao ecossistema, responsabilidades, senso de coletividade e como legado a proliferação da oralidade. Com isso, pontuar expressões religiosas que acrescentam para as edificações políticos-sociais e formações educacionais formais que prolifera as concepções e narrativas sócio-históricas dos povos pindorâmicos e afrobrasileiros.

⁵ The term "worldview," which is used in the West to sum up the cultural logic of a society, captures the West's privileging of the visual. It is Eurocentric to use it to describe cultures that may privilege other senses. The term "world-sense" is a more inclusive way of describing the conception of the world by different cultural groups. In this study, therefore, "worldview" will only be applied to describe the Western cultural sense, and "world-sense" will be used when describing the Yoruba or other cultures that may privilege senses other than the visual or even a combination of senses. (Texto original)

As centralidades educacionais afrobrasileiras, fortifica as estruturações das comunidades pretas e proporciona a criação de estilos lexicais que se ressignificam as transformações de cenários sócio-históricos. Diante disso, evidenciar a importância de utilizar a palavra ‘preta’, haja visto, que, anteriormente era uma palavra subjugada por meio dos moldes coloniais para as escravizadas fugidas que não estavam de acordo com arcabouço escravagista.

Deste modo, convido a este *xirê*⁶ epistemológico a Prof^a Katiúscia Ribeiro⁷ quando assenta em seu pensamento a seguinte reflexão - quando existe a necessidade de inserir a palavra ‘negro’ antes do adjetivo, é porque há uma reivindicação dolorosa de participar do espaço, com esse efeito empurra sujeitos e coletividades às margens do cêntrico epistêmico-ocidental, dando continuidade ao extermínio e embranquecimento das formações africanas em diáspora.

Em vista disto, ressaltar outro conceito a ser tratado, por ser um dos princípios básicos desta pesquisa é a afrocentricidade, a mesma orienta a sujeita africana a uma nova cartografia de saberes. A localização africana é um dos ramos fundamentais da afrocentricidade que proporciona o suleir das percepções, explanações e existências dos sujeitos africanos, como pontua o afroestadunidense Molefi K. Asante:

“Localização”, no sentido afrocêntrico, refere-se a lugar psicológico, cultural, histórico ou individual ocupado por uma pessoa em dado momento da história. Assim, estar em uma localização é estar fincado temporária ou permanentemente, em determinado espaço. [...] Descobrir a localização de alguém refere-se a saber se essa pessoa está em um lugar central ou marginal com respeito à sua cultura. (ASANTE, 2009, P. 96)

Observa-se que as formas de irrigação deste jardim epistêmico irão evidenciar prismas de pensadoras/es pretas/es, logo, conceber os processos de autonomia das constituições que transpõem corpos-mentes pretos e regar formas de desobediência perante epistemologias ocidentais-hegemônicas.

Deste modo, alimentar caminhos que auxiliem os movimentos negros, encruzas⁸ do antirracismo, pedreiras contra intolerâncias e racismos religiosos e fomentem processos educacionais que promovem a formação afro-religiosa e reconições identitárias unido aos conhecimentos que crescem em terreiros de candomblé. Pontuar de que, utilizar vias religiosas-ancestrais afrobrasileiras para reivindicações epistemológicas são posicionamentos políticos e

⁶ Roda ancestral que circula a espiritualidade das comunidades candomblecistas.

⁷ Doutoranda em Filosofia, na UFRJ, participou de um curso livre intitulado “África e sua diáspora: História e Cultura”, realizado pela União de Estudantes Africanos e da Diáspora (UEAD/UFRJ). Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=usa5o1KrT6I>>. Acessado em: 17/07/19.

⁸ Para compreender mais, ler Luiz Rufino em *Pedagogias da Encruzilhadas*.

educacionais que emergem contra hegemonias que acorrentam agências, alinhamentos e espiritualidades do grupos que foram inseridos às margens do sistema-mundo/colonial.

Isto posto, assentar demandas políticas, econômicas e educacionais que incentivam diálogos de autonomia subalterna e reforçam a potência dos terreiros de candomblés, enquanto portadores de métodos civilizacionais que transpassam a modernidade, assegurando as irmandades e organizações. Com isso, (re)existir com o diálogo entre o passado-presente, que alimenta movimentos que perfuram as desigualdades estatais e fundamentam coletividades e sujeitos, como medita Petronilha Silva:

Isto é, em que se formem homens e mulheres comprometidos com e na discussão de questões de interesse geral, sendo capazes de reconhecer e valorizar visões de mundo, experiências históricas, contribuições dos diferentes povos que têm formado a nação, bem como de negociar prioridades [...] (SILVA, 2006, p.2)

2 JUSTIFICATIVA

Quando a gente fala, a gente fala da gente - a fecundação da escrita e das explicações de pensamentos podem ser compreendidas como *ewé*⁹, que em cada indivíduo terá determinadas reações, sensações e reflexos únicos, que fortalecem, conectam e afloram arranjos de si e semeiam reparações para o quadro vigente.

Compreende-se que, a cada rito de passagem há absorção das especificidades escolhidas pelo Odú¹⁰, sendo os processos de escrita e explicações de ideias enquanto ritos de passagem que se fortalecem a cada pilada de um novo dia. Nessa continuidade, localizo-me enquanto uma mulher africana em diáspora, em trânsito por terras brasileiras, pertencente aos solos pretos do sul do país, elucidado a dificuldade de explanação de minhas falas, das ideias, de ser e de formas de consolidação e centralidade em território qual dificulta a reparação das violências históricas, sociais e raciais que atravessam o povo preto paranaense.

Deslindo por caminhos ancestrais-religiosos, assento em terras sagradas do candomblé para assegurar alternativas históricas-ancestrálicas de explicações, para potencializar a centralidade no eu-coletivo em movimentações afrodiáspóricas. Nos compassos da escrita, observa-se continuamente os processos de meditações e reflexões sobre assuntos que atravessam as subjetividades e dinâmicas das mulheres africanas em diáspora, para proporcionar resgate

⁹ Folha.

¹⁰ Circunstâncias, situações e caminhos da vida.

africano ancestral que dialogue com dinâmicas modernas, trazendo perspectivas de emancipação, afetividade e centralidade contra as estagnações coloniais que tentam nos apagar e afetam nossas comunidades.

Na presença dos processos de expansão epistemológica e análises que frutificam a estruturação identitária, me assento em conhecimentos que estão enraizados em terreiros de candomblés que alicerçam outras centralidades de compreensões para integração das educações. Dessarte, pontuo a percepção de ébo epistemológico, enquanto caminho de descarrego conceitual e encantado para presentes formas de compreensões das relações raciais analisadas de matrizes religiosas afrobrasileiras, como expressa Luiz Rufino “A noção de *ebó epistemológico* vem a contribuir para enfatizar as questões dos conhecimentos como parte também de uma problemática étnico-racial.” (RUFINO, 2018, p.80), com isso evidenciar cosmogonias africanas e afrobrasileiras enquanto potências para re-compreensões educacionais formais que refletem no cotidiano.

Por conseguinte, compreender *ebó* enquanto uma ritualística africana podendo ser de descarrego, reposição e limpeza energética espiritual, corporal-mental e epistêmica, desta maneira florescer novas hipóteses para a continuidade dos indivíduos e da com-idade, alimentando as forças vitais indispensáveis para a continuação, como tece Miriam Aparecida:

em busca de repor as energias cósmicas num constante fluxo de força vital, o axé, pois é ele que permite a possibilidade do existir desabrochar; é a força dinâmica da realização; é o elemento mais importante para a existência. Força vital esta que não se encontra tão somente nos seres humanos, mas em toda a natureza. (TESSEROLLI, 2009, p.2)

Com isso, assentar a concepção de *ebó* e a renovação do encantamento para abrir caminhos reeducacionais para as constituições de identidade e compreensões dos poderes ancestrálicos refletidos nas sociedades diaspóricas africanas, concedendo “um procedimento que confere uma espécie de sobrevida àquilo que padece de desencantamento.” (RUFINO, 2018, p.80)

Neste segmento, a perspectiva de encantamento irá nutrir uma epistemologia e filosofias como modo de vida a partir de uma prisma que compreende que todas as composições naturais estão ligadas, e compõe as subjetividades e continuidades coletivas africanas. O processo de encantamento acompanhado da oralidade ampara o mergulhar para as educações de terreiros e

as cosmosensações que irão aflorar durante os enredos de aprendizagem, como denigre¹¹ Eduardo Oliveira: “o encantamento é uma experiência de ancestralidade que nos mobiliza para a conquista, manutenção e ampliação da liberdade de todos e de cada um. Assim, é uma ética. Uma atitude que se faz sentido se confrontada com o legado dos antepassados”. (OLIVEIRA, 2012, p. 43)

3 METODOLOGIA

Esta pesquisa será de cunho qualitativo, trançada na perspectiva de Antonio Chizzotti onde aponta que “a abordagem qualitativa parte do fundamento de que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito”. (CHIZZOTTI, 2010, p.79), adjunto a perspectiva da autoetnografia, enquanto caminho político que compreende as subjetividades, emotividades e ações que circulam a sujeita/pesquisadora/pertencente do meio para observar e descrever de forma ecumênica, como descreve Silvio Santos “o que caracteriza a especificidade do método autoetnográfico é o reconhecimento e a inclusão da experiência do sujeito pesquisador tanto na definição do que será pesquisado quanto no desenvolvimento da pesquisa [...]” (SANTOS, 2017)

Com isso, enfatizar os caminhos decoloniais que atravessam a escrita e encruzilhada do saber, que ressalta conhecimentos que brotam em terreiros de candomblés como construtores epistemológicos e sociais. Desta maneira, pontuar no paradigma afrocêntrico a importância de estar conectado com as sensibilidades da cabaça (*Orún/Aiyé*), como medita a afrocaribenha Ama Mazama “refletir a primazia do espiritual, a relação entre o físico e o espiritual, assim como a interconexão entre todas as coisas.”(MAZAMA, 2009).

Isto posto, as análises serão feitas por pesquisas bibliográficas que concebe o estado da arte com teses, dissertações, artigos, livros, onde estarão entroncados nas articulações educacionais em terreiros de candomblés que obtém valores africanos que se mantêm como as famílias extensas e o segmento matrilinear, como explica Fabio Leite (1995): “as mulheres constituem fontes de legitimação a medida em que apenas elas fazem configurar as descendências e as posições dos indivíduos na estrutura da família para fins de sucessão e consequentemente acesso ao poder” (LEITE, 1995, p.114).

¹¹ Ângulo proposto pelo prof^o Renato Noguera (UFRRJ) na perspectiva de denegrir, logo, enegrecer os processos educacionais formais, viabilizando afroperspectivas e pluriversalidades para o ensino brasileiro, para compreender melhor ler *Denegrindo a educação: um ensaio filosófico para uma pedagogia da pluriversalidade* (2012).

Por conseguinte, meditar que dentro da estruturação de candomblés brasileiros a importância dos poderes e saberes transmitidos por essas mulheres nesses espaços. Que por caminhos da continuidade receberam de longínquo Tempo histórico, o Otá¹² de continuidade das expressões africanas ancestrais-religiosas, que assegura a permanência das dinâmicas nos dias atuais.

Por consequência, será realizado entrevistas com três mulheres líderes espirituais nas localidades entre Salvador (Bahia) e o Recôncavo da Bahia para meditar e evidenciar aspectos educacionais que possam ser frutíferos para a sociedade da porteira para fora. A visto disto, acentuar as variações organizacionais nas comunidades-terreiros, e compreender as nuances que existem de cada eixo candomblecista e de rumbê.

Desta forma, tornar efetiva a autonomia das africanidades religiosas alinhadas em outras centralidades, obtendo como alimento o ebó epistemológico, como tece Luiz Rufino “O *ebó epistemológico*, nesse sentido, compreende todas as operações teórico/metodológicas que vem a produzir efeitos de encantamento nas esferas de saber.” (RUFINO, 2018, p.80).

4 PROBLEMA DE PESQUISA

Dessa forma, o problema de pesquisa é delineado nas seguintes encruzilhadas, de que modo é dada o preenchimento de identidade ancestral-religiosa em face às lideranças femininas nas comunidades-terreiros? De qual maneira estas lideranças refletem sobre os processos educacionais em seus territórios religiosos, perante às formações de identitárias?

5 OBJETIVOS DE PESQUISA

5.1 OBJETIVOS GERAIS

Planeja-se observar, meditar e descrever os processos educacionais (rumbê) de terreiros de candomblés que possam ser aplicados na centralidade e reeducação cotidiana e formal de sujeitos negros. Com isso, revigorar as faces das identidades afrobrasileiras adjunto as

¹² Representações simbólicas de cada Orixá.

religiosidades de matrizes africanas, fundamentar-se nas lideranças femininas de comunidades-terreiros.

5.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

1. Pesquisar as dinâmicas de educação nos terreiro da ótica de lideranças femininas.
2. Compreender as construções de identitárias assentadas em candomblés.
3. Observar e descrever os processos de auto-centralidade e cura dos indivíduos das comunidades-terreiros, perante ao racismo estrutural.

6 REVISÃO TEÓRICA

Oriento este projeto as raízes da Afrocentricidade teoria gerada pelo afro-estadunidense Dr. Molefi K. Asante, que reflete a centralidade, agência e espiritualidade das comunidades africanas (continentais e diaspóricas), abrindo caminhos dentre as narrativas racistas e genocidas, “um repensar da caixa conceitual que tinha aprisionado os africanos no paradigma ocidental.” (ASANTE, 2016), regar as raízes africanas que frutificam ancestralidades aos corpos preto-africanos gerados nos deslocamentos/trânsitos diaspóricos. Instituir pensamentos, organizações e irmandades que enunciem perspectivas africanas perante aos processos globalizantes e totalizadores, aponto o artigo de Molefi K. Asante, em Afrocentricidade como Crítica do Paradigma Hegemônico Ocidental (2016):

A Afrocentricidade gira em torno da cooperação, da coletividade, da comunhão, das massas oprimidas, da continuidade cultural, da justiça restaurativa, dos valores e da memória como termos para a exploração e o avanço da comunidade humana. Estes valores baseiam-se numa plena compreensão das ideias culturais africanas e baseiam-se no estudo e reflexão de sociedades africanas específicas, de modo transgeracional e transcontinental. (ASANTE, 2016, p.4)

Das forçosas travessias transatlânticas, foram penetrados moldes de relacionamentos dentro das comunidades africanas que permanece dosando colonialidades que delineia formas de subjugação, conflitos e necessidade do outro branco para se retroalimentar e ascender em terras desconhecidas e marcadas por crueldade branco-colonial.

Da crueldade, fortaleceu-se a constituição de continuidades africanas em diáspora, como re-alinhar a concepção de afetividade, um alicerce profundo para a continuidade africana, alvo

de esfarelamento no processo colonial. Nesse sentido, Sobonfú Somé (2003), prosa conosco acerca da afetividade, caminho este que demarca o encontro de saberes e fazeres do mulherio traficado além mar, de terras africanas para a diáspora brasileira, aflorando espaços de resistência como de terreiros de candomblés, deste modo enfatiza a importância da comunidade: “a comunidade é o espírito, a luz-guia da tribo; é onde as pessoas se reúnem para realizar um objetivo específico, para ajudar os outros a realizarem seu propósito e para cuidar uma das outras.” (SOMÉ, 2003, P.35)

Por conseguinte, as concepções de afetividade, comunidade e dinâmicas, irão florescer o mulherismo africano, sendo um percurso de re-construção das mulheres e comunidades africanas dentro do sistema ocidental, nutrir saberes que amparem e estruturam as construções identitárias individuais e coletivas. Em face disso, propor o conceito concebido pela afroestadunidense Prof^a Cleonora Hudson-Weems, o mulherismo recebe a conotação de Africana por centralizar-se nas especificidades étnicas, raciais e ancestrais que emanam das mulheres africanas, como ela tece: “a primeira parte da cunhagem, Africana, identifica a etnia da mulher considerada, e essa referência à sua etnia, estabelecendo sua identidade cultural, relaciona-se diretamente com sua ancestralidade e terra-base da África.” (WEEMS, 1994, p.22 - tradução da autora)

Enfatiza-se a configuração de resistência das mulheres afroestadunidenses nos anos 1850, com a representação de Sojourner Truth¹³, na declamação do discurso “E eu, não sou uma mulher?”, frisa as desigualdades e privilégios que as mulheres brancas-estadunidenses se encontravam na época, dispondo de movimentações contrárias aos processos de equidade da comunidade africana estadunidense. Com isso, afirmou a necessidade de reorientação de centralidades para as mulheres africanas, somando-se as dinâmicas e especificidades das coletividades de mulheres e sociedades não-brancas que são suprimidas pelo estado universalista racista e patriarcal. Nesse sentido para a autora:

Mulherismo Africana é uma ideologia criada e projetada para todas as mulheres de ascendência africana. Baseia-se na cultura africana e, portanto, concentra-se necessariamente nas experiências, lutas, necessidades e desejos únicos das mulheres africanas. (WEEMS, 1994, p.24 - tradução da autora)

Ainda assim, a indispensabilidade de construir confabulações entre as fronteiras econômicas, históricos-sociais entre os grupos colonizados e racializados, afirmar re-existência

¹³ Abolicionista afro-estadunidense, que em 1851, na Convenção dos Direitos da Mulher em Akron, Ohio, pronunciou o discurso “E eu, não sou uma mulher?”

e entrelaçamento de potências epistemológicas e práticas de eixos Sul-Sul. Deste modo, salientar os movimentos do mulherismo africana enquanto potência dos movimentos negros e confabulações emancipatórias Sul-Sul, conceber conceitos e atravessamentos ancestrálicos¹⁴ que contemplam as pluri-centralidades geradas.

Escurecendo que com as pluriversalidades, re-existem as identidades de gênero e sexualidades nas casas de candomblés, observa-se que as expressões educacionais, de relacionamentos e acolhimentos perante as dissidências sexuais e gênero não deveriam ser diferentes perante a normativa ocidental de gênero e sexualidade, se baseadas nas afetações ancestrais que moldam os indivíduos para expressões e escolhas. Compreende-se que, as comunidades de terreiros enquanto alicerces de cura de subjetividades, coletividades e refúgio aos subalternos para suas expressões e sermos nós dentro destas comunidades é legítima.

Isto posto, saliento a importância sacerdotal e contínua de lideranças masculinas, compreende-se as transposições e marcas coloniais existentes em subjetividades pretas. Entende-se o desenvolver e dinâmicas das masculinidades pretas nos espaços, incluindo os terreiros de candomblés, expondo que estamos em estado de (re) existência e agência enquanto comunidade preta, golpeados em com - unidade pelo estado branco-colonial. Entretanto, faremos essa pesquisa com foco no mulherio preto, sua forma de liderança e educação.

Na com-unidade que transpõe os jardins educacionais, se propõe os caminhos da educação de terreiros de candomblés que alicerçam dinâmicas de resistências contra os racismos e as intolerâncias legadas as comunidades pretas. Em vista disto, apoio-me nas escritivências¹⁵ de Vanda Machado, que reflete na ideia de “fazer a cabeça”, enquanto preceito iniciático e re-organizacional de aprender, ensinar e refletir as dinâmicas de mundo, como narra em *A pele da cor da noite (2013)*:

Um preparar-se para; não necessariamente relacionado com a religião ancestral, mas que não se afasta de aspectos da tradição, da espiritualidade e da consciência de estar com-vivendo num mundo que é multirreferencial. Esta é, portanto, uma escrita que atende à complexidade da consciência histórica que se funda em ideia de pessoas, de civilizações, instituições e comunidades, incluindo a tradição oral que constitui o pensamento africano recriado na diáspora. (MACHADO, 2013, P.18)

Em vista disto, difundir aspectos educacionais que surgem em terreiros de candomblés dinamizados com a religiosidade e ancestralidade, quando confabulado com outros formatos educacionais e inseridos na sociedade moderna, nutre a reparação e sensibilidade para outras

¹⁴ MACHADO, Vanda *A pele da cor da noite*. 2017.

¹⁵ Percepção bordada por Conceição Evaristo, no diálogo de ser atravessada pelas narrativas que ela compõe e que circulam/são as realidades de mulheres negras brasileiras.

formas históricas, sociais e educacionais, desta maneira evidenciar as pluriversalidades de conhecimento, como a educação afrocentrada expressa por Renato Nogueira em *Afrocentricidade e educação*:

Neste sentido, as respostas para o presente se encontram na ancestralidade. Com efeito, a inserção de uma temporalidade afrocentrada na educação não deve estar devotada para uma busca de um passado idealizado, nem de uma África mítica; porém, se trata de aprender com as gerações antigas e entender que o presente só é possível pelo passado que o antecede. (SANTOS, 2010, P.6)












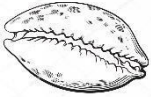
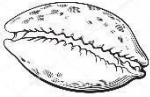

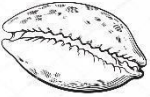


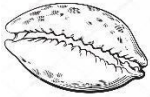

À vista disto, propor significantes que encantem os caminhos educacionais, esteja cêntrico nas expressões e conhecimentos africanos e afrobrasileiros, obtendo como o resultado o despacho do carregamento colonial que reflete nas dinâmicas e relações religiosas-sociais, com a expressão de encantamento indico Luís Saraiva quando fala: “podemos entender a Encantaria como um “outro mundo” repleto de seres vivos e que podem transitar entre o mundo dos humanos. Este tipo de explicação faz com que a Encantaria seja um mundo paralelo e não acima do nosso” (SARAIVA, 2018, p.123)

Entrelaçada a interpretação religiosa ancestral, a citação acima pode-se ser compreendida enquanto formatos educacionais que estão em diálogos e não em escalas hierárquicas e únicas de fundamentos para compreensão do mundo e das narrativas que circulam, sendo nas pertencas e observâncias um processo de encanto ou desencanto as composições africanas que despacham as hegemonias compulsórias.

Isto posto, é possível dizer frutífero os efeitos curativos na cosmogonia candomblecista, que retratam caminhos para construções sócio-educacionais e identitárias, que afloram o eu-coletivo, incorpora e realoca trajetórias, signos e símbolos que foram constituídos para os processos de continuidades africanas e afrobrasileiras, banhando a terra que planta os antepassados e semeia frutos de sobrevivências pretas.

Termino como que começando - Suplico a senhora das continuidades ancestrais, da vida, da morte, da construção do Orí, que cubra-nos com sua lama protetora, alimentando nossos jardins de flores da resistência, dando justiça aos injustiçados. Poder de *Iyá* que nina em seu *Ibíri* a força ancestral da humanidade, acolhendo filhos pretos gerados aos naus transatlânticos e frutíferos continuum da terra preta brasileira, que nos ensina e nos alimenta, agradeço a Senhora *Nanã*.

7 CRONOGRAMA

	Referências e seleção de bibliográficas	Construção questionário	Pesquisa de campo	Escrita monografia	Estágio curricular supervisionado	Apresentação escrita e oral
2019.2						
2020.1						
2020.2						
2021.1						
2021.2						
2022.1						
2022.2						

REFERÊNCIAS

- ASANTE, Molefi Kete. Afrocentricidade como crítica do paradigma hegemônico ocidental: Introdução a uma ideia. **Ensaios filosóficos**, volume XIV– Dezembro/2016.
- CHIZZOTTI, Antonio. Pesquisa em ciências humanas e sociais. 11.ed. São Paulo: Cortez, 2010.
- JUNIOR, Luiz Rufino Rodrigues. Pedagogias das encruzilhadas. **Revista periferia**, v. 10, n. 1, p. 71-88, 2018.
- LEITE, Fábio. Valores civilizatórios em sociedades negro-africanas. **África: Revista do centro de estudos africanos**. USP, São Paulo, p.103-118. 1995/1996.
- MACHADO, Vanda. A pele da cor da noite. Salvador: EDUFBA, 2013.
- MAZAMA, Ama. A afrocentricidade como um novo paradigma. In. NASCIMENTO, Elisa L. Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora. 1 ed. São Paulo: Selo negro, 2009.
- OLIVEIRA, Eduardo David de. Filosofia da ancestralidade como filosofia africana: educação e cultura afro-brasileira. *Revista sul-americana de filosofia e educação*. N, 18, 2012, p. 28-47.
- OYEWÚMÍ, Oyèrónké. The invention of women: making an African sense of western gender discourses. University of Minnesota, 1997.
- PETIT, Sandra Haydeé. Pretagogia: Pertencimento, corpo-dança afroancestral e tradição oral contribuições do legado africano para a implementação da Lei nº 10.639/03. Fortaleza: EdUECE,2015.
- RIBEIRO, Katiúscia. Cosmovisão Africana. Acessado em: 17/07/2019. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=usa5o1KrT6I>>.
- SANTOS, Renato Nogueira dos. Afrocentricidade e educação: os princípios gerais do currículo afrocentrado. **Revista África e africanidades**. Ano 3, nº11. 2010.
- SARAIVA, Luís Augusto Ferreira. Sobre veias d'água e segredos da mata: Filosofia Ubuntu no Terreiro Tambor de Mina. Brasília 2018, p.142.
- SOMÉ, Sobunfu. O espírito da intimidade: Ensinaamentos ancestrais africanos sobre maneiras de se relacionar. Odisseus, 2003.
- SANTOS, D.; SANTOS, J. A cultura nagô no Brasil: Memória e continuidade. **Revista USP**, n. 18, p. 40-51, 30 ago. 1993.
- SANTOS, Silvio Matheus Alves. O método da autoetnografia na pesquisa sociológica: atores, perspectivas e desafios. **PLURAL**, revista do programa de pós-graduação em sociologia da USP, São Paulo, v.24.1,2017, p.214-241.

SANTOS, Edmar Ferreira. Religiosidade africana e afro-brasileira: notas para o ensino de História da África no Brasil. In. MADEIRA, Thais Fernanda Leite; MATTIOLI, Érica Aparecida Kawakami; SILVÉRIO, Valter Roberto. Relações étnico-raciais: um percurso para educadores. v.2 .São Carlos: EdUFSCar, 2012, p.320.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. Aprender, ensinar e relações étnico-raciais no Brasil. Educação. Porto Alegre/RS, ano XXXX, n.3 p. 489-506. 2006.

TESSEROLLI, Maria Aparecida. Breves reflexões sobre o ebó, uma oferenda ritual. XI simpósio nacional da associação brasileira de história das religiões. UFG, 2009.

WEEMS, Clenora Hudson. Africana womanism: Reclaiming ourselves. Bedford Publishers, 1994.